

**O PROCESSO DE REMEMORAÇÃO E LINGUAGEM NÃO
VERBAL: PARTICIPAÇÃO ATIVA E SEU IMPACTO
NA DESLEGITIMAÇÃO DA DOMINAÇÃO DAS CLASSES
DOMINANTES PARA COM A COMUNIDADE TRADICIONAL
DE PESCA DE ARMAÇÃO DOS BÚZIOS**

Manuela Chagas Manhães (UENF e UNESA)

manuelacmanhaes@hotmail.com

Sulamita Conceição Ribeiro de Oliveira (UENF)

sulamitaribeiro16@gmail.com

Kaio Lucas Ritter Motta (UNESA)

kaiolucas.ritter@gmail.com

Victor Muniz Thomas (UNESA)

victort@id.uff.br

RESUMO

Esta pesquisa é financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PE-A) Pescarte, que é uma medida de mitigação exigida pelo licenciamento Ambiental Federal, conduzida pelo IBAMA. Além disso, é apoiada pelo Programa de Pesquisa e produtividade da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Diante disso, partimos de uma análise da democracia dentro do modo de produção capitalista para compreender seu funcionamento e qual impacto esse sistema gera na classe trabalhadora de modo geral como pode ser aplicada à comunidade tradicional de Armação dos Búzios, que, através de instrumentos estruturados estruturante de comunicação e conhecimento que os “sistemas simbólicos”, cumprem sua função política de instrumentos de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica), dando o reforço de sua própria força as relações de força que as fundamentam, contribuindo para uma “domesticação dos dominados”, ou seja, dominação da população local. Apoiado nisso, através de um processo de rememoração dos sujeitos da ação social por intermédio da fotografia e histórias relatadas de seus saberes e fazeres, busca-se a deslegitimação das formas de dominação presentes dentro de cada agente formador pertencente à porção segregado município.

Palavras-chave:

Fotografias. Linguagem não verbal. Comunidade tradicional pesqueira buziana.

ABSTRACT

This research is funded by the Pescarte Environmental Education Project (PE-A), which is a mitigation measure required by Federal Environmental Licensing, conducted by IBAMA. In addition, it is collaborative with the Research and Productivity Program of Universidade Estácio de Sá (UNESA). In view of this, we start from an analysis of democracy within the capitalist mode of production to understand its functioning and what impact this system generates on the working class in general and how it can be applied to the traditional community of Armação dos Búzios, which, through structuring

instruments of communication and knowledge that the “symbolic systems” fulfill their political function as instruments of legitimation of the domination of one class over another (symbolic violence), giving the reinforcement of their own strength the relations of force. that underlie them, contributing to a “domestication of the dominated”, that is, domination of the local population. Based on this, through a process of remembrance of the subjects of social action through photography and related stories of their knowledge and doings, we seek to delegitimize the forms of domination present within each training agent belonging to the segregated portion of the municipality.

Keywords:

Photographs. Non-verbal language. Traditional Búzios fishing community.

1. Introdução

Na atual conjuntura mundial, é perceptível que existe uma regressão das democracias pelo mundo, elas são cada vez menos responsivas as demandas populares e tem se tornado cada vez mais autoritárias tendo a única resposta principal do Estado as grandes massas trabalhadoras a repressão.

O capitalismo funciona estruturalmente de maneira antidemocrática, seu domínio é tão brutal, tão opressivo, tão exploratório, que é necessário retirar até as possibilidades da classe trabalhadora de disputar o fundo público, as políticas públicas e fechar qualquer tipo de possibilidade de um conflito redistributivo por vias constitucionais.

Sem a existência dos movimentos democráticos organizados, influenciados pelo comunismo e União Soviética, a democracia no capitalismo será cada vez mais um regime constitucional que serve unicamente aos interesses das diversas frações de classe dominante, e que reserva às grandes massas da população a repressão. A partir do momento que a burguesia deixa de ter medo da classe trabalhadora organizada, da possibilidade de uma revolução, qualquer tipo de concessão de direitos democráticos, econômicos ou sociais, deixa de fazer sentido para a dominação burguesa.

Cabe a classe fazer um longo trabalho de reorganização buscando fortalecer do ponto de vista político, ideológico, organizativo um projeto radical de transformação da sociedade. Só com a classe trabalhadora organizada, com a unidade dos explorados e oprimidos, é possível oferecer um polo radical de contestação a dominação burguesa e conseguir barrar as regressões a democracia e colocar como horizonte político a construção de uma outra forma de sociedade.

Por essa razão, a comunidade tradicional, que é detentora da cultura, das tradições, saberes e fazeres, tem o importante papel de se organizar e promover a preservação, juntamente com poder público (CF/88), do seu patrimônio imaterial que a todo tempo é deslegitimado pela burguesia que busca fortalecer sua dominação histórico-cultural dentro dessas comunidades através do poder simbólico tendo o apoio do sistema de produção capitalista.

A democracia participativa assim como a memória social coletiva através da linguagem visual e oral tem o papel deslegitimador da comunidade tradicional pesqueira de Armação dos Búzios que a anos tem seu processo histórico baseado na economia exploratória, na marginalização da comunidade tradicional através do racismo ambiental com a segregação dos espaços a partir da especulação imobiliária e construção do pórtico localizado no ponto onde divide a área continental da peninsular, desvalorização dos saberes e fazeres e o desinteresse na preservação da cultura material e imaterial local fortalecida pelo interesse da elite que de forma indireta mantém seu monopólio de dominação, o turismo, que de diversas maneiras faz com que a população local tenha sua vida, como emprego, lazer, gastos baseada nessa forma de economia que impacta todos os setores comerciais locais.

2. *O processo de urbanização: Porção Continental x Porção Peninsular*

Xavier (2006, p. 85), em sua releitura acerca do processo de construção e imagem da cidade de Armação dos Búzios⁵⁵, entre 1964 e 2005, afirma que, o processo de urbanização da cidade privilegiou o território utilizado pelos visitantes (que compreende os núcleos urbanos populares dos Ossos, Armação, Centro e Manguinhos) – onde concentram-se estrangeiros e grupos detentores da renda mais alta do município. Essa corrida imobiliária e as ações especulativas acabaram por ampliar os contrastes sociais, já que os loteamentos e condomínios aumentam o valor da terra, ampliam ainda mais a desigualdade social, o estigma e fragilizam a população de renda mais baixa, que é forçada a habitar em áreas sem in-

⁵⁵ O Município de Armação dos Búzios é um município do Estado do Rio de Janeiro, no Brasil, localizado na Região das Baixadas Litorâneas, classificada pelo IBGE como mesorregião (mapa 1), composta por 12 municípios: Araruama, Armação dos Búzios, Arraial do Cabo, Cabo Frio, Cachoeiras de Macacu, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Rio Bonito, Rio das Ostras, São Pedro da Aldeia, Saquarema e Silva Jardim.

fraestrutura, localizadas, em grande maioria, na porção continental do município.

Mapa 01: Divisão Regional do Estado do Rio de Janeiro.



Fonte: Fundação CIDE, 2003 (XAVIER, p. 27).

Os nativos, por conta de todos os problemas sociais e econômicos, passaram a se submeter a serviço de atividades advindas com a nova econômica, que os fizeram se subjugarem à classe dominante que passou a compor o cenário social, econômico, cultural e político da cidade. Xavier (2006) relata que os nativos, quando não são trabalhadores assalariados em serviços das novas atividades econômicas, passam a alugar sua propriedade ou equipamentos para os turistas. A identidade/representação social dominante de Búzios foi prioritariamente construída para o olhar externo, investidores, prestadores de serviços, novos moradores das classes média/alta e turistas, até mesmo quando para valorizar as atividades tradicionais locais.

Os investimentos espacialmente concentrados, seguindo a fragmentação elitizada do espaço buziano, ampliam as diferenças sociais no que concerne ao usufruto da cidade, promovendo a divisão social do território, onde para as classes menos abastadas são destinados apenas serviços básicos de sobrevivência, quando existem, enquanto amplia-se a produção lúdica do espaço buziano para o turismo, com elevado grau de sofisticação. Essa política revela o Estado como o maior promotor de diferenças sócio-espaciais, onde o capital público acaba sendo apropriado por empreendedores e investidores particulares, já que a administração oferece infraestrutura para o desenvolvimento de negócios, em detrimento da superação das carências existentes nos territórios das classes populares, do nativo, do pescador. Compreendemos, nessa direção, que os investimentos que propiciam a eficiência do turismo escolhem alocar-se em territórios ocupados ou utilizados pelas classes média e alta, reforçando a desigualdade social, através de um pacto intra-elites que envolve o Estado. (XAVIER, 2006, p. 86)

Em questões estruturais segregatícias pode-se observar que o processo de gentrificação, dado a partir de influência elitista, através da especulação imobiliária que ratificou o racismo ambiental, teve seu marco

a partir da construção do prédio intitulado “Pórtico de Búzios”. A construção mostrada no mapa 2 deixou ainda mais visível o isolamento, a divisão, o estigma, a invisibilização e indiferença do poder público para com o território continental no qual consentiu com a fragmentação espacial, não só reproduziu como legitimou as desigualdades sociais.

Mapa 2: Porção continental e porção peninsular e a localização do marco segregatório, o pórtico de Búzios.



Fonte: Elaborada por Xavier (2006) com a foto de satélite fornecida pela Prefeitura Municipal de Armação dos Búzios (PMAB).

A cidade passa a assumir, a partir dessa construção, uma decomposição territorial, social e racial a ponto de os externos desconsiderarem visivelmente todo o território anterior ao pórtico como pertencente ao município de Búzios. Visto que, os dois acessos ao município tanto por Cabo Frio quanto pelo seu segundo distrito, Unamar, se dá através da porção continental, que corresponde a 82% do território, o pórtico de Búzios foi construído com o intuito de evidenciar o que se planeja valorizar na cidade, a porção peninsular. O pórtico é um componente símbolo arquitetônico, é uma representação simbólica e material da fragmentação territorial, estabelecido e implantado pelo Estado por influência da elite dominante no qual expõe e legitima a península como único território de Armação dos Búzios e reforça a segregação socioespacial existente.

É a partir desse marco que os bairros Rasa, Baía Formosa, José Gonçalves e os demais bairros continentais passam a ser estigmatizados como periféricos, e por serem periféricos passam a dispor de pouca infraestrutura sofrendo desigualdade e invisibilidade política e social.

As diferenças nas condições de vida, entre a península e o continente, obviamente, são fruto de decisões administrativas. Resultam de embates político-sociais, onde a escolha, para a localização de investimentos, aponta nitidamente para a porção peninsular do município. Esta é justamente a fração do território selecionada para representar a cidade como um todo.

Ao considerarmos que a península constitui, aproximadamente, apenas 18% do território municipal e o continente os outros 82%, é possível reconhecer, em Búzios, uma excepcional representação físico-simbólica da concentração da riqueza nas mãos de uma minoria. A periferia buziana - lê-se o continente - ocupa áreas sem serviços e infraestrutura, apoiando o lucro dos grupos empresariais pela venda de mão de obra barata para pousadas, comércio e serviços em geral. [...] a transnacionalização de Búzios é diretamente responsável pela fragmentação territorial e pela segregação sócioespacial das camadas populares. (XAVIER, 2006, p. 89-90)

A administração do poder público contribuiu com a fragmentação territorial entre península e continente, legitimou a disparidade social ocasionada por esta segregação e a acentuou através da configuração urbana a estratificação econômico-cultural entre as porções territoriais.

6. A luta das representações pela classe dominante: a linguagem não verbal e a Construção identitária de Búzios

Bourdieu (1998) salienta que na prática social os critérios objetivos de identidade regional são objetos de representações mentais, atos de apreciação, de conhecimento e reconhecimento onde os agentes (dominantes) investem os seus interesses materializando-as em representações objetivas como forma estratégica de manipulação simbólica, a fim de determinar a representação mental que os outros (dominados) podem ter destas propriedades e seus portadores.

Essa produção simbólica de diferentes linguagens está associada à construção identitária de Búzios. Desse modo, se aproxima de uma de suas factíveis funções que é a dominação social a partir de representações relacionadas a uma falsa historicidade e tradição no qual promove a preservação das diferenças entre as classes sociais e a desmobilização dos dominados, conformismo. Esse projeto é baseado no conjunto de representação mediada pelas linguagens, num jogo de imagens e símbolos da cidade pela classe dominante, transmitida ao externo tem por objetivo a materialização da diferenciação social de classe entre os grupos habitantes da península e da porção continental.

Se estabelece, então, um confronto simbólico entre as porções corresponde às ações estratégicas na luta dirigida pela elite dominante de Armação dos Búzios, a partir de um discurso e representação elitista onde a figura objeto é *Brigitte Bardot* tal como a estética e arquitetura, com a sistematização dos traços culturais incorporados nas técnicas e construções que permitiu a organização da significação que sustenta a identidade social imposta na cidade, ou seja, a padronização estrutural das constru-

ções civis criado pelas classes dominantes a fim de influenciar a população usando como principal trunfo o modelo do pórtico de Búzios.

Esse conjunto de representações por intermédio da linguagem imagética e simbólica estruturada na materialização das intervenções urbanas de forma pontual fundamenta as condições ideológicas para a estigmatização da comunidade tradicional do município assegurando o movimento incessante de afirmação simbólica, garantindo a posição social, renovação do poder da classe dominante e legitimidade na preservação do passado estético e da escala construtiva da cidade.

A luta das representações e classificações mostrada em Bourdieu (1998) expõe justamente a manipulação social exercida pela classe dominante com a utilização de imagens-sínteses capazes de modificar as representações mentais da comunidade interna e externa alterando a identidade regional, suas características a fim de implementar a legitimação do seu monopólio e das divisões sociais a partir de uma fragmentação de grupos, antes estruturados, enfraquecidos pelo novo modo de produção econômica e novos métodos de reprodução cultural, que se assentam no conformismo de dominação.

E nesse vínculo formado entre essas representações simbólicas e as intervenções no espaço é possível perceber o estabelecimento de uma ideologia urbana local, composta pelos grupos dominantes que dispõem do poder de redigir leis, cultura, tradições, economia e o futuro da cidade através de suas influências e fomento, assim como exaustivas divulgação pelos meios de comunicação que corroboram a legitimidade da formação imagética e social do território.

As representações simbólicas são configuradas como estigmas, sua reprodução exercida pelo poder simbólico, invisível da elite ocasiona o não reconhecimento dos saberes de fazeres do agente social pertencente a comunidade tradicional, assim como seu conformismo diante da dominação e *habitus* exercida.

O estigma tipo tribal: raça, nação e religião explicitado por Goffman (2002) é o estigma reproduzido pela classe dominante do município que através de sua monopolização nos diferentes setores econômicos e culturais apagou a história de escravidão, invasão e especulação da cidade e a reconstruiu socioculturalmente por intermédio de uma nova linguagem imagética e simbólica estabelecida de forma física, como as estátuas, o novo modelo arquitetônico que definiu a padronização das casas peninsulares e a disseminação da beleza das praias peninsulares que com

a influência da imagem de Brigitte Bardot ajudou a selecionar e direcionar o tipo de público que frequentaria a cidade.

A estrutura física traz maior fundamentação para o ato simbólico dissimulado e o que torna a dominação legítima é a reprodução do *habitus* realizada a partir de algo concreto. Assim como a segregação socioespacial gera a reprodução de falas discriminatórias, é ela que legitima e constitui a dominação e o poder da elite que é apenas constituída a partir da conformidade dos dominados perante sua própria estrutura histórica e cultural que por sua vez é formada pela desestruturação de suas tradições com o novo sistema de produção, a partir da luta pela representação simbólica, um ciclo de luta pela hegemonia.

7. A linguagem não verbal como sistemas simbólicos de fortalecimento da comunidade pesqueira

Ao abordar sobre a dominação simbólica e as lutas regionais, Bourdieu (2001) traz uma provocação sobre a forma de preservação do poder da classe dominante sobre o dominado. A extinção de uma prática ou hábito, assim como as tradições e cultura não se estabelece de forma excludente diretamente, pois há uma sutileza ideológica projetada por intermédio da constituição de estigmas negativos, isto é, excluir uma cultura composta por grandes grupos não trará resultados eficazes tão quanto a estigmatização negativa dessa cultura.

Estigmatizar é marcar de forma contínua algo ou alguém, logo, ao marcar negativamente um fenômeno cultural, a cultura ou tradição faz com que as futuras gerações formem uma nova identidade social e cultural ligada as manifestações e reproduções simbólicas e objetais da classe dominante por considerar repulsivo as tradições de sua gênese. Esse formato de dominação que implica no apartamento do agente social a comunidade corrobora com a manutenção do influxo da classe dominante nas relações de força simbólica para com o dominado que acaba por lutar uma luta em estado isolado o que o impele a resignação e egresso de sua identidade legítima.

Dentro desse paradigma estabelecido é necessário destacar o princípio da luta pelas memórias formadas através da linguagem verbal e não verbal que, no que tange as comunidades tradicionais, é um processo de comunicação que transmite ao outro saberes e fazeres, cultura, tradições necessárias para a preservação, autonomia, autoestima, reafirmação identitária coletiva e oposição à dominação de classe. É a linguagem que

compactua e accentua a reivindicação regionalista da estigmatização do grupo que produz o território no qual é o produto (Cf. BOURDIEU, 2001).

A linguagem verbal trazida por meio da oralidade com os contos, lendas e histórias e a não verbal caracterizada pela imagem visual e sonora, sinais, comportamentos, gestos, toques, sensações olfativas e gustativas, constitui a memória coletiva das comunidades tradicionais no processo de rememoração e compreensão da identidade legítima. É ela que fundamenta a ruptura da legitimação a partir do processo de construção de si do agente da ação social quando, com a ajuda da linguagem oral e imagética, se direciona o passado e rememora sua história e práticas culturais e sociais.

Essa ação auxilia no autorreconhecimento, reconhecimento do outro e sentimento de pertencimento a comunidade, reestabelecendo os laços sociais e fortalecendo a luta coletiva pela subversão das relações de forças simbólicas, que considera não a extinção das características estigmatizadas mas a destruição dos valores que as constitui como estigmas, que procura impor novas concepções de divisão (Cf. BOURDIEU, 2001).

Para além disso, é necessário explicitar a perduração das tradições a partir da memória coletiva que segundo a perspectiva de Halbwachs (2003) é estruturada com o tempo e é reconstruída incessantemente, mesmo que ressignificada pela comunidade ou por um poder externo simbólico, ainda dispõe de valores, histórias, cultura e tradições, pois a memória é exercida por cada agente social que possui suporte memorial do passado, antes mesmo de sua existência, e o presente.

Nessa reconstrução identitária, a revolução simbólica pela memória contra a dominação simbólica exercida pela elite e seus efeitos de intimidação exercida, tem por objetivo não a reconquista de sua identidade legítima, e sim a reapropriação coletiva deste poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdicou em proveito do dominante enquanto aceitava ser negado ou até mesmo negar-se para se fazer reconhecer dentro dessa estrutura econômica-social (Cf. BOURDIEU, 2001).

Figura 1:



Fonte: Acervo pessoal concedido pela filha de Severina da Conceição Ribeiro, Suely da Conceição Ribeiro de Oliveira no qual fez a narrativa da história.

Outro emblema simbólico é representado por intermédios da prática tradicional, herança cultural histórica dos saberes e fazeres, presente na figura 2, não mais exercida pelos agentes sociais da comunidade mas sempre lembrada e expressada na oralidade e sensações gustativas descrita pelos nativos locais. A imagem a seguir mostra Dilma Ribeiro, filha mais velha de Severina, no início da década de 90, no preparo da tapioca e do beiju, na casa de farinha, para subsistência familiar.

Figura 2:



Fonte: Acervo pessoal concedido por Suely da Conceição Ribeiro de Oliveira com uso e direito de imagem de Dilma Ribeiro.

Nessa constituição tomada por base inicial na luta pela memória e reivindicação regionalista, busca-se uma restituição identitária cultural a partir da linguagem verbal e não verbal explicitada cotidianamente no agente formador, assim como a ruptura da legitimidade da classe dominante a partir da luta contra o estigma ao particularismo e ao espaço. Como ressalta Bourdieu (2001) a luta contra à estigmatização do espaço e que gera a estigmatização das particularidades dos dominados, apenas existe porque há uma estigmatização do espaço geográfico, onde o define pela distância econômica e social em relação ao centro, estabelecido pelo dominante, assim como a privação do capital (material e simbólica) concentrado por essas classes que também estabeleceram ali o seu novo mo-

do de produção econômica e social. Cabe aos agentes formadores fortalecerem seus laços – por meio da construção de si e direcionamento ao passado através da linguagem – e promoverem uma organização social e política

8. *Considerações finais*

A imagem por sua vez, é a fonte de linguagem principal que carrega elementos simbólicos significativos que armazenam o passado, constituído pela identidade primária da comunidade e a identidade assimilada nas forças simbólicas de dominação, e valida a construção histórica de cada agente social composto pelo coletivo. Samain (1998) trata sobre o poder que a representação objetual e imagética possui quando passa por uma espécie de alucinação adquirindo vida. No momento de contemplação de uma fotografia, o sujeito social presencia o passado e o presente se unirem, ocasionando o despertar de memórias, sentimentos, sabores, emoções de tudo o que viveu e o que o foi passado, pois a fotografia buscar transportar o passado para o presente, representar e transmitir aspectos culturais do local e da comunidade para quem a observa.

Nesse sentido que a etnometodologia digital busca trazer, a partir da linguagem não verbal, os aspectos culturais estigmatizados pela força simbólica dominante ligadas à unificação do mercado e produzir a revolta dos dominados contra o estigma, a partir de uma construção de um emblema e sua institucionalização econômica e social.

Emblemas, mediados pela linguagem não verbal, são mais do que representativos e simbólicos, possibilitou-se a constituição identitária, a formação de estigma e trouxe a tona concepção dominadora reprodutivista de uma elite, assim encontramos distintos sistemas simbólicos que cravam a luta dentro do município. Como forma de exemplificar percebemos um recorte da afirmativa na figura 1, na qual um dos membros da família que lutaram contra a invasão de suas terras entre os anos de 1975 e 1988, no bairro de José Gonçalves, pelo latifundiário e grileiro Henrique da Cunha Bueno. O fortalecimento identitário comunitário se deu a partir da luta de uma mulher, mãe, lavradora, marisqueira que com seus familiares organizaram-se de forma social e política e lutaram por seu direito a terra.

REFERÊNCIAS: BIBLIOGRÁFICAS

ALCURE, Lenira Ferraz. *Comunicação verbal e não verbal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Senac, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2003.

LOSURDO, Domenico. *Contra-História do liberalismo*. 2. ed. São Paulo: Ideais & Amp; Letras, 2006.

_____. *Bonapartismo ou democracia?* Triunfo e decadência do sufrágio universal. São Paulo: UNESP, 2004.

PATEMAN, Carole. *Participação e Teoria democrática*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2005.

XAVIER, Marina de Aquino. *Búzios: Estética, poder e território*. Dissertação de Mestrado (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ, 2006.

Outras fontes:

O Estado de Bem-Estar Ocidental: Ascensão e Queda do Bloco Soviético: O Estado de Bem-Estar Ocidental: Ascensão e Queda do Bloco Soviético – PCB – Partido Comunista Brasileiro

O Movimento Comunista no século XX: O Movimento Comunista no século XX – PCB – Partido Comunista Brasileiro.